

MOROZOV, E. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018. 189 p. ISBN 978-85-7126-012-2

**Jackson da Silva Medeiros**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Porto Alegre, RS, Brasil  
[jackson.medeiros@ufrgs.br](mailto:jackson.medeiros@ufrgs.br)

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v12.n2.2019.21926>

Recebido/Recibido/Received: 2019-01-14

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2019-02-12

## RECENSÕES

O bielorrusso Evgeny Morozov (1984-) é um crítico do utopismo digital, inclusive com fortes opiniões contra a utilização do termo. Preocupa-se em estudar sobre os efeitos sociais, políticos, econômicos, morais, culturais etc. da tecnologia. Escreve para diversos jornais pelo mundo e publicou, em 2012, *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom* e, em 2014, *To Save Everything, Click Here: The Folly of Technological Solutionism*, ambos sem tradução para o português brasileiro. Em 2018 publica *Big Tech: A Ascensão dos Dados e a Morte da Política*, pela Editora Ubu. O livro é composto por dez capítulos, com alguns textos já publicados pelo autor desde 2013, e um prefácio para a edição brasileira. Morozov tem BA em Economia e Administração pela American University in Bulgaria e PhD em History of Science pela Harvard University.

No primeiro capítulo – *Capitalismo tecnológico e cidadania* – Morozov indica o tom do seu trabalho, criticando a ideia de aldeia global que nunca se materializou, mas, pelo contrário, abriu mercados para empresas de tecnologia e de serviços de inteligência. Traz casos de empresas que iniciam seus trabalhos com um pensamento hacker e de erguimento de processos culturais, uma espécie de contracultura e do *faça-você-mesmo*, mas que abandonaram essa postura em prol do domínio das tecnologias e da implantação de um método de pensar. Uma contracultura da contracultura, já que as restrições sociais, políticas e econômicas foram rompidas pelo Vale do Silício. Argumenta, dessa forma, a necessidade de uma discussão sobre o futuro tecnológico a partir do afastamento do neoliberalismo.

O segundo capítulo – *Por que estamos autorizados a odiar o Vale do Silício* – visa mostrar argumentos que permitam criticar o modo como as empresas de tecnologia mantêm um modelo de negócios que é copiado em vários setores, através de ferramentas e políticas que instituem e controlam as ações das pessoas, com o único intuito de manter a rentabilidade dos dados, onde não importa o que é verdade ou mentira, mas, sim, a quantidade de cliques alcançados. Outra crítica se faz presente em relação a um discurso característico de entusiastas e gerentes de empresas de tecnologia: “nosso objetivo é melhorar o mundo”. No entanto isso significa que, para eles, há necessidade de mais processamento e mais dados, afetando a privacidade e apostando no desenvolvimento de aplicativos para suprir necessidades sociais.

*Solucionismo, um conto de fadas* é o título do terceiro capítulo, o mais longo do livro. O conto de fadas a que o título se refere está ligado ao falso empoderamento dos usuários, os quais mantêm diferentes níveis de acesso; um embate entre corporações e usuários; os primeiros com informações lucrativas sobre os segundos. Assume que a tecnologia atua em relação direta de poder com os indivíduos, já que permite controle e compartilhamento do histórico de interações dos usuários, gerando lucro com propaganda.

*A ascensão dos dados e a morte da política* é o título do capítulo que serve como subtítulo à obra de Morozov. O autor alerta para o que chama de “regulação algorítmica”, isto é, uma confiança tão generalizada na capacidade das plataformas, dos algoritmos gerenciarem nossas vidas que as questões políticas são rebaixadas. Isso permite que essa regulação seja vista como primeiro critério para tomada de decisões, afetando, de modo substancial, a democracia. É um jogo onde empresas de tecnologia e governos (que, muitas vezes, vendem os dados coletados) jogam juntos; em geral, as corporações que dominam o uso das tecnologias e a manipulação de dados estão em nível superior para jogar. Regulação, controle dos corpos, das ações, da sociedade, é um desejo das empresas e dos Estados que pode ou deve ser combatido.

*Como cobaias desavisadas* é o quinto capítulo e faz menção ao poder de rastrear tudo com a ideia de projetar, governar, conhecer melhor; mas adverte que os cidadãos não sabem o motivo disso ser melhor, apenas assumem que é; melhor realmente é para os lucros das empresas e dos governos. Além disso, os sujeitos são colocados como cobaias para estudos que correlacionam a capacidade de influenciar pessoas a partir do controle do grupo e das mensagens recebidas, incorrendo em influência sobre os modos de viver.

O sexto capítulo, intitulado *Catástrofe informacional: o custo da hipocrisia* menciona a falta de relevância atribuída à coleta de dados pessoais. Morozov ataca o mito do ciberespaço como estrutura digital descentralizada, sem esquecer que esse espaço acaba incorrendo no

consumismo informacional e em beneficiar os já poderosos através de vigilância. Ainda aborda como os governos, democráticos ou autoritários, utilizam-se das ferramentas digitais de vigilância para seus próprios benefícios, enquanto tentam se desvencilhar do domínio exercido por outros governos, mantendo, inclusive, vigilância sobre seus cidadãos, principalmente os dissidentes.

*Efeitos colaterais dos algoritmos para a cultura democrática* é, provavelmente, o capítulo mais interessante do livro. Parte da ideia de que a democracia é, de fato, um sistema incompleto, e como empresas e governos vêm apresentado a ideia de que a automatização, baseada em dados, é a solução dessas imperfeições. O problema está na criação de sistemas que algoritmicamente queiram dar um passo rumo à objetividade universalizada, devido à sua capacidade de subjugar a complexidade das relações humanas e direcionar mensagens por interesse, criando bolhas informacionais.

Oitavo capítulo: *Big Tech: pós-capitalismo*. Neste Morozov fala da ascensão da Big Tech a partir, não por acaso, do início da recuperação da crise mundial, tomando ares de uma solução para o problema, baseando-se na produção de produtos e serviços que são trocados por dados. Alerta que ainda que possam haver benefícios nesse processo, é importante prestarmos atenção que não estamos em um tipo de pós-capitalismo: a privatização desse saber está alinhada à privatização de setores antes ligados ao bem-estar social, fazendo com que as detentoras de dados e mercados vendam seus produtos aos governos e cidadãos que anteriormente fomentaram suas pesquisas e crescimento.

*A mediação digital de tudo: na interseção da política, da tecnologia e das finanças* é o penúltimo capítulo e apresenta um passeio pelo domínio das empresas de tecnologia digital a partir do extrativismo de dados como processo onde tudo é mediado pela tecnologia digital (e pelos interesses das empresas que controlam esse ramo) a partir de conformidade algorítmica que impõe controle, vigilância e objetividade, constituindo uma “liberdade controlada”. Apresenta, após, possíveis intervenções que podem reverter ou, ao menos, retardar as tendências descritas, como romper com o monopólio intelectual e discursivo das corporações, perceber as intenções dos dominantes e deixar de aceitar a liberdade como um serviço.

O décimo e último capítulo – *Quem está por trás das fake news* –, Morozov (2018, p. 182) inicia direto: “A democracia está se afundando nas *fake news*”. Argumenta que o problema da proliferação desse tipo de notícia está em “alarmes falsos sobre *icebergs* gigantes no horizonte”. Morozov vai além de culpar apenas as *fake news*, mas acusa também a falta de interesse sobre o que provoca a derrocada da democracia. Para o autor, o principal problema não se dá a partir das notícias falsas, mas a contar dos fatores tecnológicos que permitem sua

rápida proliferação, aliados às necessidades impostas pelo capitalismo digital que reconhece apenas compartilhamentos e cliques, transformando em verdade aquilo que é mais acessado.

Com uma apresentação de ideias e complementos a partir de alguns autores e poucas citações, e apresentando conceitos geralmente escamoteados por uma escrita que chama mais atenção do que a de citações longas, o livro, por compreender uma série de textos já publicados além dos inéditos, traz, por vezes, certa repetição de assuntos. No entanto, através do escrutínio de elementos, permite que se compreenda a conexão entre os textos e como eles se complementam. Isso também possibilita que o livro seja lido a partir de qualquer capítulo, sendo que o aprofundamento de um assunto pode estar em outro ponto da obra.

A obra é uma tentativa de resgate. Seus argumentos são, em geral, tentativas de destituir o “digital” e o “tecnológico” de uma posição privilegiada em análises e estudos e levantar a pauta considerada relevante, isto é, a política. Assume que a utilização de termos relacionados à computação é favorável às empresas de tecnologia, relegando o caráter social e político. Aliado a isso, forte fator que perdura durante toda obra é a visão crítica ao neoliberalismo, com textos impregnados de preocupação com o poder financeiro que a manipulação de dados é capaz de fornecer às empresas e aos governos.

Ler a obra de Morozov, por mais radical que pareça (e é!), é um caminho interessante para aqueles que ainda percebem a técnica e a tecnologia como redentoras dos sistemas que necessitam de soluções. Interessante para mostrar que o estudo de questões políticas continua tendo caráter primordial para não deixar se enganar pelo utopismo técnico e tecnológico solucionista, ainda visto em muitos cursos de graduação e pós-graduação, em empresas, em governos, entre outros ambientes.